

DESPEDIDA DE JULIETA

A TEIXEIRA DE PASCOAES.

Meu querido e admirado poeta:

NÃO no Brasil, mas em Nice — ou antes, perto de Nice, para onde vim buscar uma pausa á minha actividade «encarvoada» — aqui numa *villa* de repouso me encontrou agora a sua *Resposta*: de maneira que desta feita não precisou de atravessar o oceano a sua «mão comovida» e carinhosa, se bem que tão atrasada me chegasse como se eu estivesse em ultramar.

A tudo, querido amigo, se pode responder, e são todas as discussões por sua natureza eternizaveis; da minha parte, porém, está dito o indispensavel, que era mostrar *a outra estrada* aos jovens leitores da «*Aguia*» e da «*Vida Portuguesa*»: a estrada não-saudosista, não-isoladôra, ou não-purificadôra. Que cada um deles decida agora: uma leva a Coimbra, á bôa retórica, ao curso juridico, ao comunismo de Estado, á Secretaria, e talvez a S. Bento; a outra á independencia, ás profissões usuais, ao desejo de uma patria forte, digna, moderna e sábia, ao culto da acção criadôra e das idéas sólidas, ao apreço da educação que fez da Inglaterra,

Patria da lei, senhora da justiça;

nação mais adiantada na evolução económica, na justiça social, na expansão pacifica, e na dignidade inviolavel do cidadão (1). Só desejo por isso apontar no seu artigo os capitais erros de facto que poderiam desorientar, a meu respeito, esses jovens lusitanos.

(1) «Quem criou a França actual prospera e fort e? O espirito do seculo XVIII» pergunta e responde o meu amigo (e admirei-me, eu, de o ver attribuir tão lindas coisas ao espirito do seculo de Cabanis, Helvecio, La Metterle e d'Holbach); a essa pergunta eu responderia: a distribuição pelos camponêses das terras da nobrêsa; está

É o primeiro a sua concepção simplista, poeticamente ingénua, de que pretendo limitar a Realidade a quatro palmos de materia bruta, a eternidade dum alma ás horas do almoço, e o mundo, o vasto mundo, finalmente, — a um restaurante! *Sancta simplicitas!* Porque, afinal de contas, sou um pouco mais do que uma besta: com maior justeza falou de mim quando me chamou « modernista », quer dizer: um vulgarissimo bicharoco que horroriza o estado fossil. ¿Será necessario repetir que o meu desejo não é « ver no sol uma peça de ouro, na lua cinco tostões em prata, na terra um pataco de cobre com verdete »; que uma síntese cultural nossa é precisamente o ideal, mas não síntese de vácuo, ou de « poeiras do sepulcro », sendo-nos mister elementos *de hoje*, aprendidos com quem sabe ⁽²⁾; que não são incompatíveis as minhas palavras (e os meus actos; não ando tal mascarado, bom amigo!) com a verdadeira poesia; que o particularista anglo-saxão é o povo da energia produtora mas tambem, ao mesmo tempo, o mais rico de poetas em toda a humanidade ⁽³⁾; e

o caso dilucidado por exemplo em Kropotkine, *A Grande Revolução*. O obstáculo a que essa França esteja tão prospera como devia foi precisamente « o espirito do seculo XVIII », com suas ideas de identificação da Sociedade e do Estado, e consequente governação universal pelo Estado. Quanto ao Fichte, mal calcula, Pascoais, como o espirito da minha doutrinação se coaduna, em ultima analyse, com o da dele! Cumpre lembrar-lhe, a proposito, que vai mal o seu odio ao catolicismo com a sua citação (artigo anterior) da França que se esboça: o espirito da *nova França* é, senão católico, de educação católica (v. os recentes inqueritos, por ex. dos normalistas). A disciplina católica não fez degenerar o cristianismo: deu-lhe consistencia, pensamento, faculdade dirigente (não responsabilizar a idea catolica pelas aberrações em que a fez cair a corrupção dos homens, e a sua ligação com certa politica; ter os olhos no catolicismo dos Estados-Unidos, em Leão XIII, Ketteler, Manning, Lavigerie e Gibbons; e tambem no católico Herculano.)

⁽²⁾ Depois, quando estiver seguro o resultado e a velocidade adquirida, poderão vir, da esfera artistica, as reacções nacionalistas que quiserem. A vida intellectual (e a moda) é feita de ondulação, de reacção ao antecedente. O importante é saber a semi-onda que convém em cada instante. Não falo para o homem abstracto, mas para o português *de hoje*.

⁽³⁾ Confirma-se isto em que tenho, na minha pequenez (com grandes diferenças, decerto, e perfeita independencia de juizo) a orientação geral de Herculano e de Antero, dois dos máximos poetas portugueses. ¿Tambem teria sido, cada um deles, « um Romeu *travesti* de Othello »? Aliás a minha prègação é o menos violenta e o mais borrêga que é possível, sem nada que se assemelhe ao temperamento de Othello: combato exactamente os efeitos da expansão guerreira e desnatural do povo português. (A expansão anglo-saxonica é uma simples consequencia da constituição familiar dessa gente). Diz-me que viu em Londres « canudos fumegantes ». ¿E a educação inglesa? a familia inglesa? a justiça inglesa? a mentalidade inglesa? Viu-as? A um amante da alma, descurioso da materia, mais devera impressionar isso que as

que, por derradeiro, eu nada tenho a vêr com o positivismo, com a demagogia (raios a levem!) e creio que tambem com a «moral burguesa»? (4)

O segundo dos erros de facto é essa pretendida mascara, com que me diz desfigurado; e basta citar-lhe as palavras do nosso Jaime Cortesão na «Vida Portuguesa», a respeito do meu exemplo.

Está o terceiro dos erros de facto (dos que vale a pena denunciar) na velha anedota do inglês, que nos conta, para quem todos os francêses eram ladrões: anedota essa não applicavel á minha pessoa, mas á sua, porque da sua parte estão os juizos categoricos, universais e exclusivistas. Não apresentei Giotto e Fra Angelico «para demonstrar que o *povo* italiano não é nada um povo pagão», frase que não chega a ter sentido; mas para mostrar que a *pintura* italiana não era *exclusivamente* pagã, como o meu amigo dissera; e depois, para demonstrar que o povo italiano (agora é que vem o povo) não era exclusivamente pagão, como tambem o dissera o Pascoais, citei-lhe o exemplo do grande movimento místico *nacional*, popular, do seculo xiii. (Não foram três italianos: foram milhares de italianos, durante muito tempo). A figura culminante desse movimento foi S. Francisco de Assis.

Como vê, apenas cuido de prevenir algumas deturpações dos meus ditos. O resto, e o julgamento, deixo á «perspicácia» e á «paciencia do leitor», e mesmo á *real gana* de cada um, que é quem decide quasi sempre das opiniões e das crenças da maioria da humanidade. Creio que soube desta vez conservar o serio; e, no entanto, se os meus sorrisos, como pretende, significam *sim*, (dir-se-ia que sou Julieta, e não Romeu) eu quisera começar e terminar sorrindo:

pontes e os canudos. Leu no *Times* a secção dos tribunals? Assistiu a un comicio em Trafalgar Square? Al está uma idea a aproveitar para a *Renascença Portuguesa*: todos os domingos, numa praça do Porto, um comicio. Como sabe, não é preciso mais do que um homem subir a um degrau e desatar a sua arenga: o povo vai afluindo, e tudo está felto. Mas sem maravilhas de Verbo, por amor de Deus: sem maravilhas de Verbo!

(4) Depois de escrita a minha última carta li um relatório francês sobre a prostituição, em que se lhe dá como causa geral — a miséria. Como vê, a questão economica continúa, quixotesicamente, de guarda á honra das donzelas. Conhece o meu amigo o célebre «quinto quarto da jornada» das trabalhadoras? Em certas regiões elas não chegam a ganhar o mínimo essencial á vida; e porisso, acabado o trabalho, vão completar o salario pelas estradas... Eis um caso que para os materiais é pungente, é aflitivo. ¿Como resolve o Eterismo um caso destes? ¿Ou será esta uma preocupação de «moral burguesa»?

para que esta não tivesse o geito da ultima carta de Julieta, dando por acabado o namoro. Saio do logar honroso que me concedeu, e tão desgeitosamente ocupou a minha boçalidade de menino bronco e dessisudo: na ultima pagina, em tipo minúsculo, — como a *charranga* das escolas no ultimo banco, — me exercitarei applicadamente, até que logre penetrar na Espiritualidade lusitana. Não pretendi convencer saudosistas-natos, porque os sentimentos se não movem pelas alavancas que eu emprego, mas pela Música e pela Facúndia; e porque o Isolamento, se é incombustivel como me diz, é comburento como todos os diabos, o que ficou provado na nossa historia de três seculos. Falo e falarei para os neutros, os materialões, ou para os que tiverem degenerado do temperamento fantasista, impulsivo, inconsistente, — por uns classificado de idealista e por outros de rêtórico, — que nos formou a velha sina de conquistadores e aventureiros, retardatarios da Cavalaria. Muito e muito grato o abraça (dado que o não enfarrusque) o « assassino » (não só perdô a violencia do têrmo, mas o aplaudo, porque tambem está na tradição) e « simpatica vitima do bico auer » que é este seu dedicado admirador,

Nice, Saint-Antoine, 14-3-14.

Antonio Sergio